



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja imagens do ataque ao hospital Nasser, em Khan Yunis

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

“Acidente trágico”

Premiê de Israel reconhece bombardeio duplo a hospital de Khan Yunis, mas nega ato deliberado. Incidente matou 20, incluindo cinco jornalistas. Segundo disparo de tanque ocorreu quando repórteres e paramédicos estavam no local

» RODRIGO CRAVEIRO

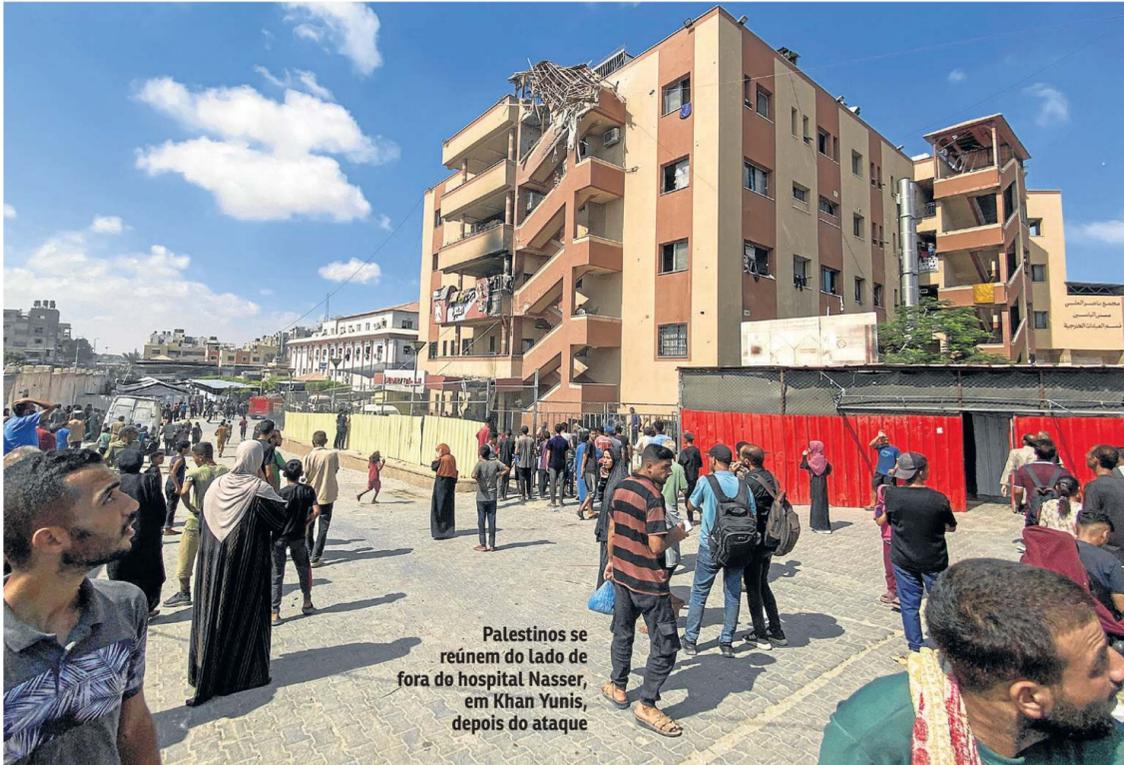
O complexo do Hospital Nasser, em Khan Yunis (sul da Faixa de Gaza), estava tomado pela poeira levantada dos escombros, depois que um tanque israelense disparou contra o prédio, na manhã de ontem. Jornalistas, paramédicos e civis foram ao local atacado. Além de documentarem mais um ataque, cinegrafistas e fotógrafos reviravam escombros em busca das vítimas, quando foram surpreendidos por um novo disparo de tanque. A tevê palestina Al-Ghad transmitiu ao vivo o segundo ataque.

O duplo bombardeio matou 20 pessoas, incluindo cinco jornalistas: Hossam Al-Masri, fotógrafo freelancer da agência Reuters; Mariam Abu Daqqa, repórter freelancer que colaborava com a Associated Press (AP); Moaz Abu Taha, fotógrafo especializado em zona de guerra; Mohamed Salama, fotógrafo da emissora catari Al Jazeera; e Ahmed Abu Aziz, que trabalhava para vários meios de comunicação palestinos. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, disse “lamentar profundamente o trágico acidente”. “Israel valoriza o trabalho de jornalistas, profissionais de saúde e todos os civis.”

A comunidade internacional reagiu com revolta e indignação. Principal aliado de Israel, o presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou que “não está feliz” com o ataque ao hospital. “Não quero ver isso. Ao mesmo tempo, precisamos acabar com esse pesadelo. Fui eu quem resgatou os reféns”, disse, em mais uma declaração que parece visar o Comitê Nobel Norueguês — Trump tem se engajado em uma campanha de autopromoção em busca do Nobel da Paz. O republicano arriscou um palpite sobre o fim da guerra entre Israel e o movimento fundamentalista islâmico Hamas. “Acho que nas próximas duas a três semanas. Vocês terão um final bem conclusivo”, prometeu. “Queremos terminar com isso. Mas tem que terminar sem o Hamas.”

“Horrorizado”, foi a palavra usada pelo ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, David Lammy. “Os civis, os trabalhadores da saúde e os jornalistas devem ser protegidos”, cobrou. Emmanuel Macron, presidente da França, classificou como “intolerável” o ataque a um hospital e pediu a Israel o respeito pelo direito internacional. “Os civis e os jornalistas devem ser protegidos em todas as circunstâncias. Os veículos de comunicação devem poder exercer sua missão de forma livre e independente para cobrir a realidade do conflito”, declarou Macron. O Ministério das Relações Exteriores da Alemanha externou “choque” e cobrou investigação e acesso a Gaza da imprensa estrangeira independente.

AFP



Palestinos se reúnem do lado de fora do hospital Nasser, em Khan Yunis, depois do ataque

Depoimento

“É um ataque direto à verdade”



MATERIAL CEDIDO AO CORREIO

“Na condição de jornalista, vejo esses crimes como um ataque direto à verdade. Israel sabe muito bem que o jornalista é o olho que mostra ao mundo os crimes e as violações que estão ocorrendo. Quando um jornalista é assassinado, pretende-se que a voz livre silencie, que a imagem seja escondida e que as pessoas permaneçam na escuridão. Eles temem a câmera mais do que a arma, pois uma imagem tem o poder de expor suas mentiras e revelar seus crimes para o mundo. Não é coincidência o fato de atacarem jornalistas; é uma tentativa de silenciar a verdade e deixar as vítimas sem testemunhas. Ainda que meus colegas tenham partido, a mensagem deles viverá, e a verdade permanecerá mais forte do que qualquer bala.”

Mohamed Salama era uma pessoa verdadeiramente maravilhosa. Alguém que sempre ajudava a todos. Ele foi exitoso em entregar sua mensagem ao mundo de uma forma muito poderosa. Ele se esforçou muito para transmitir a dor e o sofrimento das pessoas ao mundo, e também expôs os crimes da ocupação israelense ao mundo.”

Mohammed Abusalama, 28 anos, jornalista da emissora palestina Al-Ghad e amigo de Mohamed Salama, morto no bombardeio de ontem ao hospital de Khan Yunis

As Forças de Defesa de Israel (IDF) demoraram três horas para confirmar o incidente. O chefe do Estado-Maior, general Eyal Zamir, ordenou um inquérito imediato sobre o ataque. Por meio de nota, as IDF afirmaram que “lamentam qualquer dano causado a (civis) não envolvidos e que de forma alguma direcionam ataques a jornalistas”. O comunicado assegura que o Exército israelense trabalha para “minimizar os danos, enquanto salvaguarda a segurança das tropas”.

Mohammed Abusalama, 28 anos, jornalista da Al-Ghad, contou ao **Correio** que pretendia iniciar um projeto de trabalho com Mohamed Salama — apesar dos nomes quase idênticos, eles não eram parentes. “Salama era um amigo de verdade. Há um mês, ele veio até minha casa. Planejávamos filmar histórias de crianças órfãs. Queríamos que o mundo visse a quantidade de órfãos em Gaza.”

Ao ser questionado se teme ser morto, Mohammed disse que o medo é natural. “Aqui, em Gaza, aprendemos que a vida tornou-se um risco. Uma bala pode matar o corpo, mas não assassinar a mensagem.”

Os jornalistas mortos

SAIBA QUEM SÃO OS REPÓRTERES, FOTÓGRAFOS E CINEGRAFISTAS ATINGIDOS PELO BOMBARDEIO

Bashar Taleb/AFP



Mariam Abu Daqqa

Repórter freelancer que colaborava com a Associated Press (AP), doou o rim para salvar a vida do pai. Enviou o único filho, Ghaith, aos Emirados Árabes Unidos, a fim de protegê-lo da guerra. Sua mãe adoeceu e morreu durante o conflito. Mariam perdeu a casa e o equipamento de trabalho.

Moaz Abu Taha

Repórter fotográfico com

Bashar Taleb/AFP



especialidade em zonas de combate, trabalhava como freelancer. Logo após o bombardeio, foi noticiado que ele fazia parte da emissora americana NBC. A empresa negou a informação.

Mohamed Salama

Fotógrafo da emissora Al-Jazeera, do Catar, preocupava-se com as crianças órfãs de Gaza. Sua última publicação no Instagram

Instagram



foi um vídeo gravado por ele, em que mostrava uma menina, desesperada, chorando a morte do pai. Tinha planos de fazer um documentário sobre o tema.

Hossam Al-Masri

Fotógrafo freelancer da agência de notícias Reuters, dedicava-se a cobrir os efeitos da guerra sobre a população civil e as operações de resgate do Exército israelense. Na internet, publicou um vídeo em que

Instagram



Middle East Eye



acusava Israel de ter destruído sua casa e tudo o que tinha.

Ahmed Abu Aziz

Trabalhava para vários meios de comunicação palestinos, incluindo o site Middle East Eye. “Se eu morrer, o que você escreveria sobre mim?”, perguntou certa vez à editora-chefe Lubna Masarwa. Sofria de dores intensas nas costas, mas fazia questão de seguir reportando a guerra.

Silêncio

Porta-voz do Alto Comissariado para os Direitos Humanos da ONU, Ravina Shamdasani destacou que hospitais e jornalistas não são alvos militares. “O assassinato de jornalistas em Gaza deveria chocar o mundo,

não para ficar atônito em silêncio, mas para agir, exigindo responsabilidades e justiça”, declarou Shamdasani. Philippe Lazarini, diretor da agência da ONU para os refugiados palestinos (UNRWA), criticou a inação “escandalosa” da comunidade internacional.

ESTADOS UNIDOS

Trump sugere que americanos talvez gostem de "um ditador"

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que talvez os americanos gostassem de ter um ditador, após assinar ordens que endurecem a repressão federal em Washington e permitem processar quem queimar a bandeira do país. Em um evento de mais de uma hora no Salão Oval, o republicano reclamou que nem a mídia nem seus críticos lhe reconhecem mérito suficiente por sua ofensiva contra o crime e a imigração, agora apoiada pela Guarda Nacional.

“Eles dizem: ‘Não precisamos dele. Liberdade, liberdade. É um ditador. É um ditador.’ (Mas) muita gente diz: ‘Talvez gostemos de um ditador’, comentou Trump à imprensa. Em seguida, moderou suas palavras: “Não gosto de ditadores.

Mandel NGAN/AFP



Não sou um ditador. Sou um homem com grande senso comum e uma pessoa inteligente”. Antes de ganhar seu segundo mandato,

o magnata republicano havia antecedido que seria um “ditador desde o dia um”.

Neste mês, Trump mobilizou a

Reunião à vista, mas em clima de ataque

Durante visita do presidente da Coreia do Sul, Lee Jae-myung, Trump disse que espera se reunir novamente com o ditador da Coreia do Norte, Kim Jong-un. Ao mesmo tempo, o republicano lançou um ataque extraordinário contra o sul-coreano. Washington e Seul são aliados históricos. Horas antes de Lee chegar para sua muito planejada primeira visita à Casa Branca, Trump recorreu às redes sociais para denunciar o que disse ser uma “Purga ou Revolução” na Coreia do Sul, aparentemente em referência a operações policiais que envolvem igrejas. Quarenta minutos após o início de uma reunião no Salão Oval, na qual Lee elogiou profusamente Trump, o magnata republicano descartou sua própria e contundente crítica, dizendo: “Tenho certeza de que é um mal-entendido”, já que “há um rumor circulando”. O americano também admitiu o desejo de se encontrar com Kim. “Um dia eu o verei. Estou ansioso para vê-lo. Ele foi muito bom comigo”, disse a jornalistas. Trump acrescentou que conhecia Kim “melhor do que ninguém, quase, exceto sua irmã”.

Guarda Nacional e assumiu o controle federal da polícia em Washington, a capital do país, para conter, segundo ele, um problema

de criminalidade fora de controle. Também afirmou que estava considerando fazer algo semelhante em Chicago e Baltimore.

Guarda Nacional

Em junho, enviou a Guarda Nacional a Los Angeles contra a vontade do prefeito da cidade e do governador da Califórnia. O presidente criticou especialmente J.B. Pritzker, governador de Illinois e ferrenho opositor, que rejeitou energicamente o possível envio de tropas a Chicago.

Ontem, Trump assinou uma ordem que endurece os processos contra quem queimar a bandeira dos Estados Unidos, apesar de uma decisão de 1989 da Suprema Corte que estabelece que esse ato é protegido pelas leis de liberdade de expressão. “Se você queimar uma bandeira, você pega um ano de prisão; nada de saídas antecipadas, nada de nada”, garantiu.